

Economia informal teve mais demissões

A economia informal foi o primeiro setor atingido pelo Plano Collor. Segundo José Guilherme Costa de Almeida, Chefe da Divisão de Intermediação do Serviço Nacional de Emprego (Sine), do Ministério do Trabalho, apenas 21% dos pedidos de seguro-desemprego recebidos pelo Sine diariamente (entre as mil requisições que chegam diariamente ao Ministério) correspondem a dispensas feitas depois de 15 de março.

Apesar de ainda não dispor dos dados fechados — a estimativa ainda é preliminar: só em maio o Sine divulgará os resultados sobre desemprego — ele avalia que as demissões nos setores informais da economia têm sido bem maiores.

Mas se não houve demissões em massa no período, as contratações foram praticamente descartadas. A oferta de empregos no Sine, que já vinha caindo desde o início do ano, foi reduzida em 60% depois do último dia 15, conforme informou José Guilherme. Os setores de construção civil e de serviços, líderes na demanda por mão-de-obra no Ministério do Trabalho, praticamente deixaram de ofertar empregos e até suspenderam os pedidos anteriores.

Apesar disso, a procura por novos empregos tem se mantido estável. A explicação de José Guilherme para esse fato curioso está na enorme fila de desempregados que ronda o Ministério do Trabalho, à espera do seguro-desemprego. Segundo o Chefe da Divisão de Intermediação do Sine, os mais desavisados imaginam se tratar de gente procurando trabalho e não se aventuram a enfrentar uma fila tão grande, temendo antecipadamente pela concorrência. A consequência é que só os mais preparados se arriscam. E acabam conseguindo. Por isso, o nível de colocação na indústria dos trabalhadores indicados pelo Sine saiu dos 35%, de antes do Plano Collor, para os atuais 75%.